PPG Letras – UFRR
II SEMINÁRIO INTERCÂMBIOS DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FRONTEIRAS/ IX SEMANA DE LETRAS – 08 a 12/11/2011
08/11/2009
Vídeo-Conferência de Abertura:

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DE LÍNGUAS CRIOULAS DO ATLÂNTICO

Profa. Dra. Márcia S. Duarte de Oliveira
Universidade de São Paulo – FFLCH/DLCV-GELIC
marcia.oliveira@usp.br
http:/www.fflch.usp.br/dlcv/lport/gelic
http://www.fflch.usp.br/indl/

1. Introdução

1.1. Línguas Crioulas do Atlântico

- Por línguas crioulas, nos referimos a um conjunto de línguas que se diferem de outras línguas completamente reestruturadas como as 'misturas bilíngues' (também chamadas de 'intertwined languages'), por exemplo, que se desenvolveram fora de um 'contínuo *pidgin*' (ou *pré-pidgin*) – ver Holm (2000; 2004).

- Nesta conferência vamos enfocar línguas crioulas do Atlântico. Chamamos 'línguas do Atlântico' a línguas crioulas cujo contato linguístico é evidenciado de alguma forma com línguas/culturas do oeste africano.[1]

1.2. Por Que o Enfoque em 'Traços Morfossintáticos de Línguas Crioulas do Atlântico?

- *"[...] O número desses traços é bem amplo e eles são tão difundidos a ponto de sua existência não poder ser considerada uma mera coincidência. Um dos aspectos centrais dos estudos crioulos tem sido o desenvolvimento de uma teoria da gênesis que dê conta de satisfazer as similaridades sintáticas entre os crioulos de base portuguesa, hispânica, holandesa, francesa e inglesa."* – Holm (1988: 144, traduzido.)

- A gramática de línguas crioulas tem sido considerada cada vez mais de extrema significação não somente para teorias que expliquem sobre o seu surgimento, mas ainda para acentuar características de 'universais linguísticos'. Derek Bickerton é um dos linguistas que enfatiza os estudos da gramática dessas línguas e elevar a discussão teórica na área.

- De acordo com Bickerton, o processo evolucionário do homem pode ser 'visualizado' por meio de línguas crioulas e especialmente por intermédio de línguas como saramancan (Suriname), que se desenvolveram rapidamente e amplamente graças a capacidades inatas – ver Bickerton (1981; 1990).

2. Pidgin/Crioulo

- *"A pidginização produz uma língua não nativa, reduzida e simplificada (que pode ser expandida por gerações ao encontrar novas necessidades comunicativas). Diferentemente, a crioulização produz uma primeira língua bem estruturada que retém alguns dos traços do seu pidgin ancestral, mas que é, em essência, tão complexa como o é qualquer outra língua natural, mesmo sendo estigmatizada por razões sociolinguísticas."* – Oliveira & Holm (2011: 30; os grifos são nossos.)

[1] Ver Oliveira & Holm (2011: 32; nota 6).

3. Alguns Exemplares de Línguas Crioulas do Atlântico

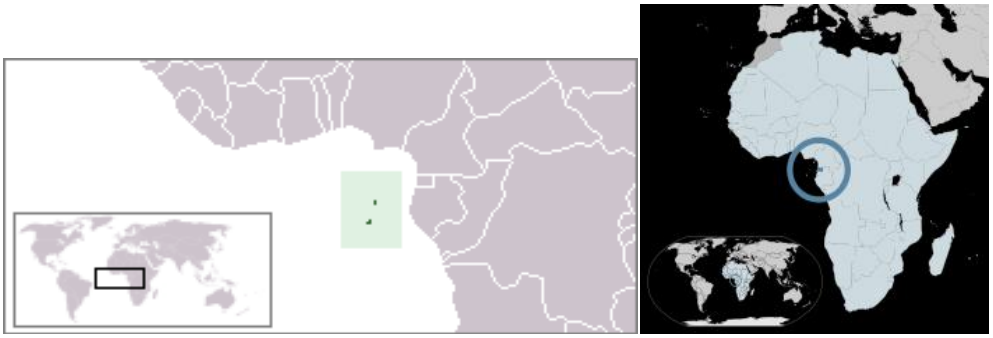
3.1. Crioulos da 'Alta Guiné'

- 3.1.1. Cabo Verde – **Caboverdiano**
- 3.1.2. Guiné-Bissau – **Guineense**

A visão tradicional é que a crioulização primeiro se deu em Cabo Verde e então este crioulo foi mais tarde transplantado para o continente; os agentes da 'transferência' teriam sido os *lançados* – cf. Couto & Embaló (2010: 20).

http:WWW.google.com.br

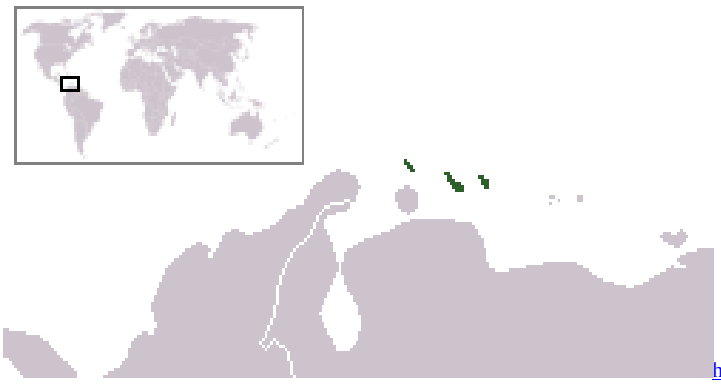
- 3.1.3. Guiné-Equatorial **– Sãotomeense**, **Principense**



http://pt.wikipedia.org

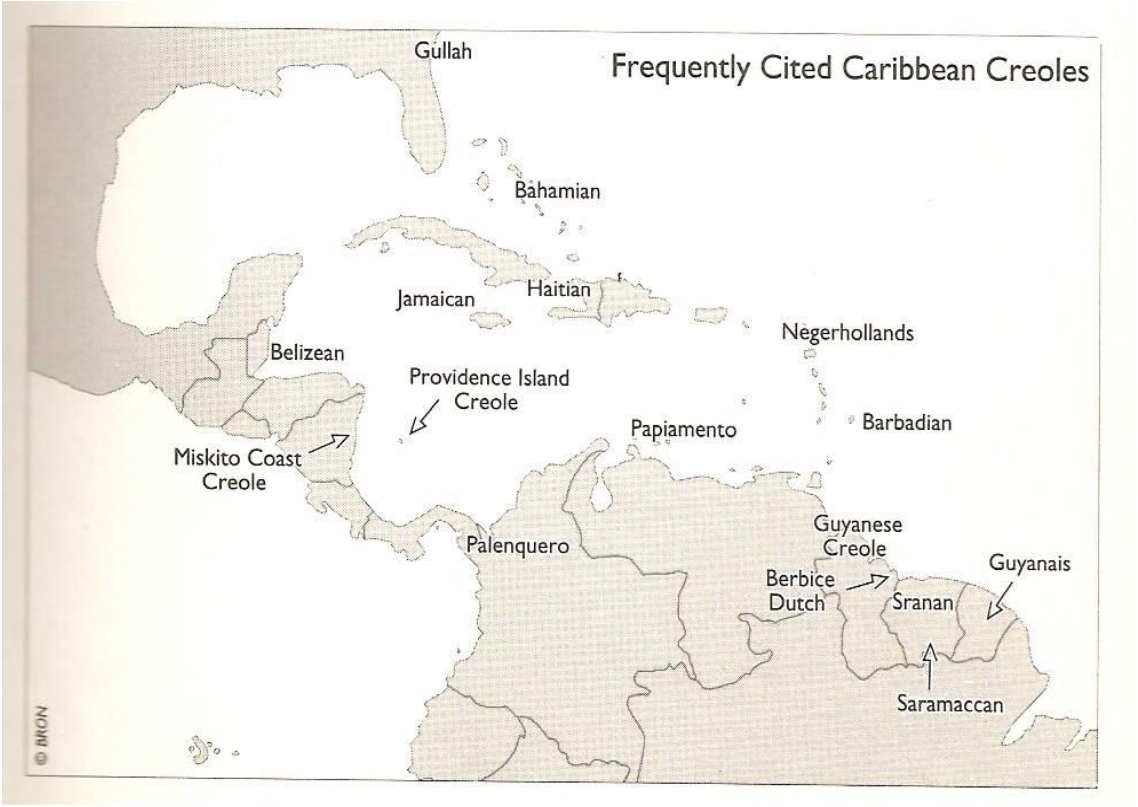
3.2. Crioulo das Ilhas ABC – Aruba, Curaçao e Bonaire

- **Papiamentu**


http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilhas_ABC

3.3. Crioulos das Guianas e do Suriname – Guiana, Suriname, Guiana Francesa

- **Guianês** (Guiana)**, Berbice (holandês), Sranan, Saramacan, Guianês** (Guiana Francesa)



Arends, Muysken & Smith (1994: xv)

4. Duas Intrigantes Características Morfossintáticas em Comum

- A 'Hipótese do Bioprograma' de Derek Bickerton – ver, entre outros, Bickerton (1981): comparando o 'pidgin hawaiano' e o ' hawaiano', Bickerton identificou 12 traços que ele hipotetizou serem integrantes de línguas crioulas.
- No entanto, enfatizamos dois traços em morfossintáticos em comum de línguas crioulas: (i) *as marcas TMA*; (ii) *a serialização verbal*.

4.1. <u>As Marcas TMA</u>: As marcas TMA – tempo, modo e aspecto (exatamente nessa ordem) – expressas por meio de partículas pré-verbais, são um dos traços mais notáveis das línguas crioulas.

[**T**] [**M**] [**A**] [**RV**]

(1) <u>Saramancan</u>[2]

A	***tá***	**saí**	**dɛ́**
TMA	ele	está	lá

"Ele está lá"

(2) <u>Caboverdiano</u> ('barlavento' – ilha de São Nicolau)[3]

a. **N**	***ta***	**kmê**	**aros**
1SNom	TMA	comer	arroz

"eu como arroz (habitualmente)"

[2] Bakker, Post & van der Voort (1994: 251; dado (8a), renumerado e traduzido). A glosa é nossa.
[3] Dados de Francisco João Lopes.

b. **N ø kmê aros**
1SNom TMA comer arroz
"eu comi arroz" (ontem, por exemplo)

- Uma questão interessante é que a 'tipologia linguística morfológica' das línguas crioulas do Atlântico é do tipo de *'morfologia sem incorporação'* – como o Chinês (língua 'isolante'), por exemplo – ver Kihm (1994: 84). No entanto, a tipologia das línguas que entraram na formação dessas línguas (crioulas) é de *'morfologia de incorporação'* (línguas 'flexionais' e 'aglutinativas') – como o português e as línguas do oeste da África. **Logo, como explicar que um contato tão surpreendentemente 'pequeno' em termos de anos (um pouco mais de 100 anos) tenha resultado em uma tipologia linguística tão diferente?**

- Nas línguas crioulas, as categorias TMA são expressas geralmente por partículas que precedem o verbo – embora outras estratégias para marcação do tempo, do aspecto e do modo sejam ainda elementos adverbiais, auxiliares e o uso de construções especiais chamadas 'serialização verbal'.

4.2. Construções Seriais – CSs

- CSs são traços marcantes das línguas crioulas do Caribe.
- Não apenas as línguas crioulas do Caribe, mas CSs são traços morfossintáticos recorrentes nas línguas crioulas de modo geral.
- Muysken & Veenstra (1994: 291) citam as seguintes línguas crioulas que não atestam verbos seriais: Crioulos das Filipinas, do Havaí, do Senegal, das Ilhas Maurício, das Ilhas Reunião.

Observe exemplos de CSs em Línguas Crioulas do Atlântico:

I. ***Verbo de Movimento Modificado por Verbo Direcional***

(3) Papiamento[4]

E-l a *bula* *bay* *"Ele voou para longe"*
3SG TMA voar ir

- Observe que em (3) que o que seria expresso por um sintagma preposicional em português significando 'direcionalidade' – veja a tradução [$_{SP}$ *para longe*] – parece ser expresso pelo segundo verbo da serialização: bay "ir".

II. ***Uma Construção do Tipo com Argumento 'Beneficiário' se Realiza por Meio de 'Adição' do Verbo 'Dar'***

(4) Guianês (Guyanais)[5]

Li *pote* sa *bay* mo
3SG trazer aquele dar 1SG
"Ele trouxe aquilo para mim"

- O que temos a dizer por ora (dado o escopo e limitações deste trabalho) é que o estudo da serialização verbal em línguas crioulas tem cada vez mais chamado a atenção de linguistas e aberto campo para propostas teóricas, pois essas estruturas, fugindo

[4] Muysken & Veenstra (1994: 289; dado 1, renumerado; traduzido).
[5] Muysken & Veenstra (1994: 289; dado 2, renumerado; traduzido).

completamente da das línguas indo-européias, lança questões ligadas a seu aparecimento na formação das línguas crioulas.

5. Considerações Finais

- Refletir sobre o contato linguístico em um país como o Brasil deve seu uma prática constante e renovadora. Refletir sobre o contato especial que é o fenômeno pidgin/crioulos é um desafio cada vez mais atual.
- Neste 'II Seminário de Intercâmbios de Estudos Linguísticos e Fronteiras' e IX Semana de Letras da UFRR' me alegro de me unir a vocês nesse fórum sobre o contato. Especialmente em Roraima, este Estado aberto para o 'mundo Atlântico' e que tanto pode nos auxiliar nas pesquisas interessantíssimas neste campo da Linguística.

6. Referências Bibliográficas

ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (1994). **Pidgins and Creoles: An Introduction**. Philadelphia, USA: John Benjamins.

BAKKER, P., POST, M.; VOORT, H. van der. (1994). TMA Particles and Auxiliares. In: J. Arends; P. Muysken; N.Smith. (eds.). **Pidgins and Creoles: An Introduction**. Philadelphia, USA: John Benjamins, p. 247-258.

BICKERTON, D. (1981). **Roots of Language**. Ann Arbor, MI: Karoma.

_____. (1990). **Language and Species**. Chicago: University of Chicago Press.

COUTO, H.; EMBALÓ, F. (2010). Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau – um país da CPLP. In.: **Papia 20**.

HOLM, J. (1988). **Pidgins and Creoles, Vol. 1. Theory and Structure**. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (2000). **Introduction to Pidgins and Creoles**. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (2004). **Languages in contact – The Partial Restructuring of Vernaculars**. Cambridge: Cambridge University Press.

KIHM, A. (1994). **Kriyol Syntax: the Portuguese-Based Creole Language of Guinea-Bissau**. Amsterdam, the Netherlands: John Benjamins.

MUYSKEN, P.; VEENSTRA, T. (1994). Serial Verbs. In: J. Arends; P. Muysken; N.Smith. (eds.). **Pidgins and Creoles: An Introduction**. Philadelphia, USA: John Benjamins, p. 289-301.

OLIVEIRA, M. S. D.; HOLM, J. (2011). Estruturas-QU Fronteadas e o 'Foco Gramaticalmente Controlado' – A Participação de Línguas Africanas em Línguas Parcialmente e Completamente Reestruturadas. **Revista PAPIA 21**, p. 23-38.